

RUBENS TADEU LUIZ

**UMA APROXIMAÇÃO AO PENSAMENTO
PEDAGÓGICO DE PAULO FREIRE**

Monografia apresentada como pré-requisito de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

1994

RUBENS TADEU LUIZ

UMA APROXIMAÇÃO AO PENSAMENTO
PEDAGÓGICO DE PAULO FREIRE

*Monografia apresentada como pré-requisito
de Conclusão do Curso de Licenciatura em
Educação Física do Departamento de
Educação Física da Universidade Federal do
Paraná.*

PROF. ORIENTADOR
IDELZI TEREZINHA MASSANEIRO

Uma das grandes, se não a maior, tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez, sem o saber, à sua capacidade de decidir.

Paulo Freire

Este trabalho é dedicado, com carinho, aos meus pais, os quais tiveram paciência, atenção e reconhecimento nos momentos mais difíceis para que pudesse concluí-lo e assim vencer mais uma etapa do processo contínuo do meu aprendizado

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha professora, orientadora e amiga Idelzi Terezinha Massaneiro por ter contribuído muito para todo este processo de construção acadêmica, dispondo de seu precioso tempo na orientação deste trabalho.

SUMÁRIO

Resumo.....	vii
1 Introdução.....	01
1.1 Problema.....	01
1.2 Justificativa.....	01
1.3 Objetivo.....	01
2 Revisão de Literatura	02
2.1 Fundamentos da Pedagogia Libertadora.....	02
2.1.1 O Homem na Concepção de Paulo Freire.....	02
2.1.2 A Concepção Bancária da Educação	05
2.1.3 Conscientização.....	07
2.1.3.1 Consciência Semi-Intransitiva.....	09
2.1.3.2 Consciência Transitivo-Ingênu.....	10
2.1.3.3 Consciência Crítica.....	11
2.1.3.4 Características da Consciência Ingênu.....	12
2.1.4 O Diálogo Mediador do Encontro Entre os Homens.....	13
2.2 Metodologia da Pedagogia Libertadora	14
2.2.1 A construção do Método em Paulo Freire	14
2.2.2 A Metodologia - Uma Ação em Processo.....	15
2.2.2.1 Introdução ao Método de Paulo Freire	15
3 Conclusões e Recomendações.....	20
Referências Bibliográficas.....	22

RESUMO

A educação brasileira atravessa uma fase crítica de grande significado em sua história. Esta é uma das grandes preocupações do educador Paulo Freire em seu trabalho, que tem como objetivo, pensar uma educação voltada ao homem oprimido. Este estudo monográfico está voltado à interpretação das questões que norteiam a concepção da pedagogia libertadora. Acentua como um dos seus objetivos evidenciar os passos dessa pedagogia, partindo da análise do homem enquanto ser oprimido e superando esta opressão. Através da crítica à concepção bancária da educação identificada como aquela onde o educador é o que sabe, os educandos os que não sabem, constitui, os princípios da pedagogia do oprimido. Nesse processo o professor tem papel fundamental: reproduzir ou superar essa forma de se fazer educação. A proposta da pedagogia libertadora apresenta diferentes fases para atingir os níveis de consciência, objeto de seu trabalho. Esta consciência se dá pelo diálogo entre os homens, procurando torná-los sujeitos de sua história. É através desta metodologia construída no seio das necessidades da população economicamente oprimida, que busca transformar a realidade através da conscientização desse homem.

1 INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMA

Em países do terceiro mundo, o descaso com a educação atinge níveis alarmantes. A esse quadro Paulo Freire propõe alternativas no âmbito pedagógico que procuram enfrentar essas dificuldades. Nesse caso, a pedagogia libertadora toma como centro de suas intervenções a questão do homem marginalizado pelo sistema. Essa marginalidade se caracteriza pela negação ao direito de usufruir dos bens sociais, portanto coletivos, principalmente o acesso à escolarização básica. Neste contexto apresenta-se como indagação fundamental: Quais os elementos que norteiam a pedagogia libertadora, proposta por Paulo Freire?

1.2 JUSTIFICATIVA

Conhecer e compreender a obra de Paulo Freire, hoje torna-se imperativo para construir uma análise significativa do sistema educacional brasileiro. Inúmeros tem sido os intelectuais da educação que vêm se preocupando com essa área do conhecimento, enfatizando os trabalhos de Paulo Freire, possibilitando ler esta realidade sob a ótica do homem oprimido, eixo central da pedagogia libertadora.

1.3 OBJETIVO

Sensibilizar para necessidade da reflexão sobre o homem oprimido, na obra de Paulo Freire.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 FUNDAMENTOS DA PEDAGOGIA LIBERTADORA

2.1.1 O Homem na Concepção de Paulo Freire (Idéia Central da Obra)

Na década de sessenta, Paulo Freire inicia seu trabalho que se tornou marcante na definição dos caminhos da pedagogia libertadora. Mais tarde em, 1970, publica a sua obra denominada de *Pedagogia do Oprimido*, caracterizada pela acentuada preocupação do autor com as questões sociais.

Nesse período, o sistema educacional registrava altos índices de analfabetismo no seio da população adulta. O número de crianças em idade escolar, sem escola, era aproximadamente 4.000.000, e o de analfabetos, a partir da faixa etária de 14 anos, 16.000.000.” (FREIRE 1983, p. 101).

Por outro lado, a face do analfabetismo entre a população escolar era agravante. Tal fato caracterizava um índice elevado de evasão, de repetência e impossibilidade de acesso ao sistema escolar, principalmente as crianças pertencentes à população economicamente desfavorecida.

Em sua obra *Conscientização*, P. FREIRE (1980) mostra que em 1962 no Nordeste, a região mais pobre do Brasil, havia 15 milhões de analfabetos sobre 25 milhões de habitantes.

Partindo dessa problemática estrutural do analfabetismo, as idéias da pedagogia libertadora foram construídas. O analfabetismo é bastante comum nas regiões mais empobrecidas do país, principalmente na Região Nordeste, onde Paulo Freire vivia e desenvolvia sua função de professor

universitário na cidade de Recife, Pernambuco, como professor de história e de filosofia da educação.

Paulo Freire, por volta dos anos sessenta, inicia seu trabalho de alfabetização de adultos, esse trabalho consistia na organização de grupos ou círculos de cultura, chamados Movimento de Cultura Popular (MCP). Esses grupos tinham como principal meta a alfabetização, não como ato mecânico, mas sim como um ato que transformasse o indivíduo de objeto para sujeito de sua história, tornando-o capaz de fazer uma leitura do mundo e de sua realidade, podendo assim perceber as relações de dominação e opressão.

Não se pode alfabetizar ou educar um homem sem que se faça, ou desperte neste, a sua visão política de leitura da realidade, e através desta percepção o indivíduo poderá atingir níveis de consciência em que possa perceber as articulações que o tornam homem oprimido e opressor. Estas idéias se caracterizam como ponto de partida para o trabalho pedagógico deste educador, que representa, ainda hoje, uma grande contribuição à análise crítica do sistema educacional brasileiro. Assim, pode-se entender o processo de seu pensamento que se caracterizou para a comunidade de educadores através de suas obras. Nesse contexto opta-se por analisar os elementos que fundamentam o conjunto de suas obras, e para tal selecionam-se o homem, a concepção bancária da educação, conscientização e o diálogo.

A humanidade se caracteriza através das estruturas sociais, onde há os que dominam e os que são dominados. Paulo Freire centrou seu trabalho na intenção de fazer com que o dominado perceba a ação opressora e desumana existente nas relações de exploração pelo homem que domina. Percebe que a relação de exploração se dá pelo fato de que o homem que detém os meios de produção, ou seja, o capital, é quem mascara a realidade social, criando estruturas que fazem com que o oprimido seja incapaz de perceber a sua realidade.

Constatar esta preocupação implica indiscutivelmente em reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica. É também, e talvez sobretudo, a partir desta dolorosa constatação, que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade, a da humanização. Ambas, na raiz da sua inclusão, que os inscreve num permanente movimento de busca. (FREIRE, 1970, p. 30).

Daí a busca do oprimido em resgatar o direito roubado pelo opressor, através da luta contra os opressores, possibilitando a ele o poder de diminuir a distância na percepção das relações de opressão. "E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos, libertar-se a si e aos opressores". (FREIRE, 1970, p. 31)

E através desta realidade, é possível que o homem perceba a opressão e ninguém melhor que o oprimido deve percebê-la.

Nesse sentido, Paulo Freire (1970) caracteriza como o grande problema a condição de insegurança do oprimido, no sentido de hospedar em si o opressor. Desta forma, enquanto ser duplo, ele é inautêntico no processo da pedagogia para sua libertação. Assim, somente quando o oprimido se percebe enquanto hospedeiro do opressor, poderá contribuir para o rompimento desse estado. Essa será então a forma que poderá sedimentar a sua libertação.

Percebe-se então, que a forma de superação desse quadro necessita da construção da pedagogia do oprimido, e que a mesma não pode ser elaborada pelo opressor, e sim pelo próprio oprimido, buscando desmascarar a intenção do opressor, através da construção do pensamento crítico para a leitura da realidade em que se encontra o oprimido. Esse processo, enquanto práxis de busca, é que chegará a percepção da necessidade de se lutar contra a opressão. Há de se tomar cuidado quando se fala da libertação do homem oprimido quando esse homem que Paulo Freire chama de homem novo não é o homem que passou pelo processo da transformação.

Para FREIRE (1970), o homem novo em tal caso para os oprimidos não é o homem a nascer da superação da contradição, com a transformação da velha situação concreta e opressora que cede seu lugar a uma nova, de libertação. Para eles, o novo homem são eles mesmos, tornando-se opressores dos outros. A sua visão de homem novo é individualista. A sua aderência ao opressor não lhes possibilita a consciência de si como pessoa, nem consciência de classe oprimida.

Constata-se que o homem considerado como homem novo é tão opressor quanto o próprio opressor, e até mesmo passa a negar a sua existência enquanto oprimido. Não é difícil perceber porque isto acontece. O homem está sempre na busca de uma melhor condição social, ou seja, deter os meios de produção para praticar a opressão e isto é introduzido na cultura dos homens e impossibilita que alguns tenham plena consciência do que significa a opressão.

Paulo Freire toma muito cuidado nessa questão do homem novo e quando este desencadeia do processo coletivo sua percepção, passa a ser a percepção do opressor, assumindo características iguais ou até mais fortes que os próprios opressores.

O homem novo, citado por Paulo Freire, para atingir os níveis de percepção das relações de opressão, necessita de um aprofundamento na sua leitura do mundo; para atingí-lo é necessário que se amplie os estados de consciência, e esta ampliação se dá pela tomada de consciência em que é tratado na sua obra conscientização por níveis e percepção da realidade concreta opressora.

2.1.2 A Concepção Bancária da Educação - Uma Análise do Sistema Educacional

Freire analisa a relação entre educador e educando em diversos níveis. As relações de educação são dissertadoras e narradoras, onde o educador

transmite seus conhecimentos de uma forma acrítica e voltada aos interesses da classe dominante, ou seja, o educador não deixa de ser um mero reprodutor de conteúdos que, na perspectiva dos estudos de Freire, é identificado como invasão cultural.

A Invasão Cultural, que foi citada no parágrafo anterior, neste momento será tratada com mais cuidado, tendo como objetivo tornar mais clara como se processa esta invasão de dominância sobre o dominado. Em muitos momentos, a invasão cultural se dá do dominante sujeito para o dominado objeto; o dominado segue todos os valores culturais impostos pelo dominante, sem perceber que está sendo manipulado no jogo do poder dos dominantes.

Segundo FREIRE (1970) que desrespeitando as potencialidades do ser que a condiciona, a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impedindo a este a sua visão do mundo, enquanto lhes freiam a criticidade, ao inibirem sua expansão.

As concepções de educação, na qual Paulo Freire faz sua crítica, estão contidas na interpretação e análise da concepção que reproduz conhecimentos sem dar ao educando a margem de percepção e formação crítica da educação. Essa educação caracteriza-se como educação bancária.

Para PAULO FREIRE (1970), a educação se torna um ato de depositar em que os educandos são os depositários e o educador é o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz comunicados e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receber os depósitos, guardá-los e arquivá-los.

Na essência da concepção bancária, percebe-se que o interesse do opressor é em manter os níveis de consciência do oprimido reduzidos, não dando opção para que este perceba a situação que os oprime. Isto com o interesse de transformar somente a mentalidade do oprimido, no sentido de reforçar a relação de dependência entre ambos, chamada por Paulo Freire de

falsa generosidade, que consolida a concepção e a prática bancária.

A intenção de Paulo Freire é que esses indivíduos oprimidos não integrem e incorporem a estrutura opressora, mas que busquem percebê-la e transformá-la para que possam se tornar sujeitos de sua história. A intenção da concepção bancária é de tornar o homem domesticado, dócil e incapaz de perceber a opressão, tornando-se marginalizado. Talvez seja esta o principal objetivo da educação bancária: impossibilitar o homem oprimido de perceber e agir sobre sua realidade.

A educação 'bancária' em cuja sua prática se dá a inconciliação educador-educando rechaça este companheirismo. E é lógico que seja assim. No momento em que o educador 'bancário' vivesse a superação da contradição não seria 'bancário'. Já não faria depósitos, já não tentaria domesticar, já não prescreveria. Saber com os educandos enquanto estes soubessem com ele seria sua tarefa, já não estaria a serviço da desumanização; a serviço da opressão, mas a serviço da libertação. (FREIRE, 1970, p.71)

Para Paulo Freire, esta concepção bancária assume um papel no qual o educando e educador são vítimas do processo dominador e opressor, que são reforçados dentro dos discursos ideológicos da classe dominante, em que os níveis de percepção e consciência para serem atingidos são praticamente impossíveis devido à omissão da realidade completa.

2.1.3 Conscientização - A Meta da Pedagogia Libertadora

O termo conscientização, para muitos autores, foi usado pela primeira vez nas obras de Paulo Freire. Mas na verdade foi criado pela equipe de professores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros por volta de 1964. Pode-se citar entre eles o filósofo Álvaro Vieira Pinto e o professor Guerreiro.

Para Paulo Freire, a visão de homem é que somente ele é capaz de agir conscientemente na realidade, identificada por ele como práxis humana, a unidade indissolúvel entre a ação e a reflexão sobre o mundo.

Segundo FREIRE (1980), num primeiro momento a realidade não se dá aos homens como objeto cognoscível por sua consciência crítica. Esta tomada de consciência não é ainda a conscientização porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização implica que seja ultrapassada a esfera espontânea da apreensão da realidade para chegar a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e no qual o homem assume uma posição epistemológica.

A conscientização é um teste da realidade. Quanto maior a conscientização mais se penetra na interpretação das relações dos fenômenos do objeto. A conscientização não pode ser vista como uma posição falsamente intelectual. A conscientização não se dá sem o ato de ação-reflexão, ou seja, sem a práxis. É nesta perspectiva dialética que se caracteriza a transformação do mundo, onde há consciência histórica e os homens assumem o papel de sujeitos que transformam o mundo.

A conscientização se dá pela dialética da consciência de um lado, e o mundo do outro, onde não há a pretensão da superação da relação de consciência-mundo.

Tomando esta relação como objeto de sua reflexão crítica, os homens esclarecerão as dimensões obscuras, que resultam de sua aproximação com o mundo. A criação da nova realidade, tal como está indicada na crítica precedente, não pode esgotar o processo de conscientização. A nova realidade deve tornar-se como objeto de sua nova reflexão crítica. Considerar a nova realidade como algo que não possa ser tocado, representa uma atitude tão ingênua e reacionária, como afirmar que a antiga realidade é intocável. (FREIRE, 1980, p. 27)

A conscientização, como processo de transformação imutável, em vários momentos, à medida que se torna consciente de determinada realidade, percebe que o processo do conhecimento da sua nova realidade é caracterizado por apresentar um novo perfil. JORGE (1981), um dos pensadores da proposta pedagógica de Paulo Freire, coloca a consciência em três níveis distintivos a três tipos de marcos históricos sócio-culturais. Em sociedades fechadas, sociedades em processo de transição e sociedades abertas, onde para cada uma dessas sociedades há um estado de consciência, identificadas da seguinte forma: sociedade fechada é a consciência semi-intransitiva, a sociedade em processo de transição, a consciência ingênuo-transitiva e a sociedade aberta a consciência transitiva.

Para JORGE (1981), toda doutrina freiriana é resultado de uma experiência particular profundamente vivida no seu contexto histórico e não fruto de ímpetos repentinos ou reprodução simplista de idéias educacionais já consolidadas.

2.1.3.1 Consciência Semi-Intransitiva

Ao criar sua teoria da consciência semi-intransitiva, Paulo Freire, citado por GADOTTI (1986), a coloca como primeiro nível da consciência e faz sua abordagem dentro da própria realidade sócio-cultural da América Latina, colocando como sociedade fechada desde as conquistas pelos espanhóis e portugueses. Para Freire, o fechamento destas sociedades se dá pela carência do mercado interno na importação de matéria prima e de produtos manufaturados. O sistema educacional é precário e seletivo, apresentando altas taxas de analfabetismo.

Assim, esta sociedade passou a ser dependente, resultando em consciência dominada e toda consciência dominada não pode afastar-se suficientemente da realidade, a fim de objetivá-la e conhecê-la na forma crítica.

Segundo FREIRE (1977), o homem dominado pela consciência semi-intransitiva está imerso, circunscrito a áreas estreitas de interesse e preocupações, não podendo, portanto, apreender os problemas além de sua esfera biológico-vital. Por isso, este tipo de homem é incapaz de captar as questões e a problemática que vêm à realidade.

O homem dominado nesse tipo de consciência é como se fosse cego e limitado, incapaz de perceber sua situação. A consciência do homem imerso devido à sua consciência semi-intransitiva é a incapacidade de um compromisso com a verdadeira existência.

Para FREIRE (1977), o homem é pois só um ser vegetativo, é só biologia, não se existencializa porque não percebe a realidade como um mundo de desafios. Não vê sua missão nela, e como tal não pode assumir um compromisso com a realidade, só vê os desafios e sua área vegetativa, impermeabilizando portanto, a qualquer outra espécie de desafio.

2.1.3.2 Consciência Transitivo-Ingênua

A consciência transitiva, num primeiro estado é caracteristicamente ingênua, principalmente pela simplicidade na interpretação dos problemas. Hoje, nos centros urbanos, é evidente que em alguns aspectos esta consciência transitivo-ingênua pode ser mais enfática em determinados problemas e menos em outros.

Segundo FREIRE (1981), na medida em que o oprimido amplia seu poder de captação e de resposta aos problemas de seu meio, aumenta o seu poder de dialogação. Nesse ângulo, o diálogo não se dá só com outro homem, mas também com seu mundo, assim então ele se transitiva. Seus interesses e preocupações agora, se alongam à esferas mais amplas do que a simples esfera vital. Passa a sentir-se como ser no mundo, e com o mundo, sente e assume desafios. Esta passagem do nível de consciência semi-intransitiva ao da consciência transitivo-ingênua que segundo FREIRE (1977) no processo de

transição, o caráter predominantemente estático da sociedade fechada cai gradativamente, cedendo lugar a um maior dinamismo em todas as direções da vida social. As contradições e os conflitos vêm à superfície, a consciência popular se educa e se faz exigente, provocando maiores apreensões nas classes dominantes.

Na consciência ingênua há uma busca de compromisso, cuja crítica é um compromisso fanático, uma entrega irracional. Assim, a consciência intransitiva também é vista por ações mágicas porque a compreensão também é mágica, onde há uma preferência pelo tempo passado, achando que este é melhor que o tempo presente, assumindo a característica mágica da consciência intransitiva.

2.1.3.3 Consciência Crítica

A consciência transitivo ingênua passa por dois níveis, tanto pode evoluir para transitivo crítica, buscando o caminho da superação, ou pode regredir para uma forma rebaixada caracterizada pela massificação.

Segundo FREIRE (1983) a consciência crítica ou transitivo crítica é fruto de uma educação dialogal e ativa. Está voltada para a responsabilidade social e política, caracterizando-se pela profundidade na interpretação dos problemas e pela substituição das mágicas por princípios causais. Por procurar testar os achados e se dispor sempre a visões (...) da prática do diálogo e não pela polêmica. Pela receptividade ao novo e não apenas porque é novo e pela não recusa ao velho, só porque é velho, mas pela aceitação de ambos enquanto válidos.

Na medida em que o homem ultrapassa a esfera da tomada de consciência-ingênua para a crítica constrói a maneira de fazer a leitura da realidade, tornando-a mais completa. Assim, este homem deixa de ter uma visão superficial das articulações sociais e políticas, que o mantém adequado ao sistema ingênuo de interpretação da realidade e passa a fazer uma nova

leitura do mundo. Desse modo torna-se homem inserido e integrado ao mundo superando a simples apreensão dos fatos, consolidando o ponto fundamental para a conscientização. O homem nesse processo de apreensão ou superação dos níveis de consciência após ter passado pelos três níveis, identificados por FREIRE (1983) que na obra caracteriza algumas formas de consciência denominadas de consciência ingênua e crítica.

2.1.3.4 Características da Consciência Ingênua

1 - Revela uma certa simplicidade, tende ao simplismo na interpretação dos problemas, isto é encara um desafio com maneira simplista ou com simplicidade. Não se aprofunda na causalidade do próprio fato e suas conclusões são apressadas e superficiais.

2 - Há uma tendência a considerar que o passado foi melhor, por exemplo: os pais que se queixam da conduta dos filhos, comparando ao que faziam quando jovens.

3 - É impermeável a investigação que satisfaz-se com as experiências vividas. Toda a concepção científica para ela é um jogo de palavras e suas explicações são mágicas.

4 - Tem forte conteúdo passional, pode cair num fanatismo ou sectarismo.

5 - Diz que a realidade é estática e não mutável.

2.1.3.5 Características da Consciência-Crítica

1 - Anseio de profundidade na análise de problemas. Não se satisfaz com as aparências, pode se reconhecer desprovida de meios para análise do problema.

2 - Reconhece que a realidade é mutável.

3 - Ao se deparar com o fato, faz o possível pra livrar-se de preconceitos. Não somente na captação mas também na análise de resposta.

4 - É indagadora, investiga, força e choca.

5 - Ama o diálogo, nutre-se dele.

Estas características foram algumas das formas que dão entendimento do que é consciência crítica e ingênua, no trabalho construído por Paulo Freire. É também o modo de deixar bem distintas as situações em que se encontram os homens, reforçando a luta para a transitividade e a superação desses níveis de consciência.

2.1.4 - O Diálogo Mediador do Encontro Entre os Homens.

Para Paulo Freire, a apropriação da palavra práxis se dá através do diálogo onde os homens se tornam críticos, capazes de transformar a sociedade. O diálogo é uma maneira de pronunciar o mundo, onde a necessidade da fé no homem e na maneira de tornar o diálogo verdadeiro e crítico.

Segundo FREIRE (1970) sendo o diálogo o encontro dos homens para ser mais, não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu que fazer já não pode haver diálogo. Finalmente, não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro, pensar crítico, pensar que, não aceitando a dicotomia mundo-homem, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade.

Na análise do diálogo se processa, na visão de Paulo Freire, em dois momentos: em um deles é a relação do antidiálogo que se processa de uma forma vertical. Este diálogo é quebrado, não há relação dialógica que permita o homem de ser mais com seus pares. O antidiálogo, impossibilita o homem de relacionar-se com outro horizontalmente, é construído numa relação de apatia, desânimo e sem fé, tornam-se acrítica e arrogante.

No segundo momento, o diálogo se compelta através da comunicação horizontal entre os homens para serem mais. Esta forma de se articular do diálogo carrega consigo uma relação de fé e amor, originada de uma vertente crítica que gera a criticidade. O diálogo se dá de A com B sem que haja a interrupção das relações entre os homens, e a forma de comunicação entre eles. Quando se processa a busca da criticidade, o diálogo possibilita esta relação, pois permite que haja relações de simpatia entre ambos, resultando da comunicação dos pólos. Assim permite que os homens percebam a relação dialógica como uma visão mais profunda das relações e que juntos com seus pares sejam capazes de interferir nas relações que permeiam o antidiálogo.

2.2 METODOLOGIA DA PEDAGOGIA LIBERTADORA

2.2.1 A Construção do Método em Paulo Freire.

Após um defronto com as principais idéias de Paulo Freire, trabalhando com os temas que mais deram sentido a praticamente toda sua proposta pedagógica, sente-se a necessidade de introduzir o pensamento e gerar os trabalhos na consistência do método, na perspectiva de como ele se concretiza. A proposta metodológica de Paulo Freire visa criar um método capaz de democratizar a cultura, tendo como principal objetivo a transformação social através de uma nova leitura da realidade concreta. As primeiras experiências que se tem notícia é que se iniciou na cidade de Angicos, Rio Grande do Norte, no início da década de 60, em que 300 trabalhadores foram alfabetizados em 45 dias, causando repercussão nacional e despertando o interesse de governantes brasileiros, em ampliar o método para todo o território nacional.

No ano de 1964 a proposta era instalar vinte mil círculos de cultura

para dois milhões de analfabetos, onde cada círculo educaria em dois meses trinta alunos. No entanto, o golpe militar de 1964 veio a interferir em todo o processo já conquistado.

Embora o movimento de educação popular não tenha podido, por causa do golpe de estado, realizar o conjunto de seu primeiro plano nacional, os protestos de certos grupos oligarcas do nordeste, em particular, assim como a evolução do processo político, deixavam entrever claramente que o desenvolvimento dos planos estabelecidos teria tido por resultado quase que imediato um violento choque eleitoral em certos setores tradicionais. (FREIRE, 1980, p.18)

As questões que nortearam o golpe de 1964 foram extremamente políticas. Políticos com uma visão meramente simplista do método, preocupados com o aumento do número de eleitores." Todos sabemos o que pretendem os populistas no Brasil (...) pela mobilização das massas um homem é igual a um voto." (FREIRE, 1980, p.20)

E foi dentro deste contexto que políticos, com uma visão reduzida do método, acreditavam que estes movimentos de educação popular eram outra forma de mobilização de massas. "Os políticos, ao contrário, não se interessavam pelas massas, senão na possibilidade de estes serem manipulados no jogo eleitoral." (FREIRE,1980,p.21)

2.2.2 A Metodologia - Uma Ação em Processo

2.2.2.1 Introdução ao Método de Paulo Freire.

Brandão, uma das pessoas que acompanhou Paulo Freire na

concretização de sua metodologia, escreveu para coleção Primeiros Passos - O que é método (Paulo Freire) em 1981. Para este autor, os métodos de alfabetização comumente utilizadas, sempre foram acompanhados de um material pronto, composto por cartazes e cadernos de exercício. Ao analisar a postura dos alfabetizados nestes métodos de alfabetização, caracteriza-os como elementos que acreditam que aprender é "enfiar o saber-de-quem-sabe no suposto vazio de quem não sabe" (BRANDÃO, 1981, p.21).

Este método de alfabetização caracteriza-se pela concepção tratada por Freire como concepção bancária da educação, em que o educador ou professor é dono do saber historicamente acumulado das classes dominantes, onde a intenção vem da reprodução de conhecimentos, objetivando manter o homem oprimido como objeto de sua história, educação voltada para a formação acrítica do homem. A manutenção desta situação colabora para que a sociedade dominante mantenha os níveis de consciência estagnados, continuando assim o grande ciclo da dominância.

Segundo BRANDÃO (1981, p.22), Paulo Freire contra toda esta proposta de educação para reprodução, cria um método que parte do diálogo entre educando e educador, em que ambos contribuem para o aprendizado, que valoriza a relação entre quem educa e quem é educado, onde a educação (...) será um ato coletivo solidário, um ato de amor, dá para pensar sem susto, não pode ser imposta. Nesta relação, ambos, quem ensina e quem aprende, são considerados educadores e educando simultaneamente, porque juntos, lado a lado se ensina, lado a lado se aprende. A cartilha, recurso de ensino dos métodos reprodutores de conhecimento da educação bancária, contribui estrategicamente para veicular um mundo estranho ao educando, principalmente aquele originado da classe economicamente menos favorecida. Para que se possa fazer uma melhor leitura da realidade, a cartilha torna-se um instrumento vazio, longe da realidade do educando, tem como característica a reprodução social e para o adulto é um instrumento, que muitas vezes descaracteriza a visão de mundo do educando. Os textos comumente encontrados em cartilhas citados por BRANDÃO, são:

Eva viu a uva
A ave é do Ivo
Ivo vai à roça

Para Paulo Freire, o fato de dominar a leitura não vai possibilitar que o educando possa fazer uma leitura da realidade, impossibilitando-o de tornar-se sujeito da sua história, apenas com o domínio mecânico da linguagem escrita, não o capacita a fazer uma leitura crítica da situação em que o mesmo se encontra.

A construção do método se dá por pessoas da comunidade, onde em grupos, chamados de círculo de cultura que envolve a ação educadores e educandos, a partir daí que se passa a construção do trabalho, buscando reunir um número significativo de símbolos mecânicos.

Após a aceitação do educando na comunidade, para que se possa fazer o trabalho de alfabetização, dá-se início à pesquisa através do diálogo, onde pretende-se reunir um número de palavras emergentes da realidade da comunidade, "esta primeira etapa pedagógica de construção do método, foi chamada por Paulo Freire de 'levantamento do universo vocabular' em Educação Como Prática da Liberdade". (BRANDÃO, 1981, p.22)

Esta etapa de levantamento do universo vocabular consiste de uma aproximação do educando aos educados, tendo como objetivo para o educador pesquisar as palavras que são comuns dentro da realidade da comunidade em que, segundo (GADOTTI, 1989), estas palavras geradoras são selecionadas em função da riqueza silábica, do valor fonético e principalmente do significado social para o grupo. O levantamento do universo vocabular é de perceber como a realidade social é vista no pensamento dos seus participantes "a pesquisa deve ser um ato criativo, e não um ato de consumo", (BRANDÃO, 1981, p.28) tendo como objetivo um ato de descoberta comum que significa dos dois lados educador e educando.

Na segunda etapa do método, as palavras que foram tomadas como importantes na pesquisa do universo vocabular, agora são codificadas e

decodificadas, servindo como instrumento de leitura e releitura coletiva da realidade social onde foram pesquisadas. Estas palavras são submetidas a três critérios:

a) a riqueza silábica;

b) dificuldades fonéticas da língua;

c) conteúdo prático da palavra, o que implica procurar o maior compromisso possível da palavra, numa realidade de fato social, cultural e político. Estas palavras foram retiradas da pesquisa do universo vocabular, sendo agora codificadas como símbolos da língua, dando prioridade aos que mais significados expressam para a vida coletiva de quem fala, procurando palavras que expressem todos os fonemas da língua portuguesa, incluindo-as na dificuldade da pronúncia e escrita.

A terceira etapa do método consiste na criação de situações existenciais típicas do grupo em que se vai trabalhar.

Nesta fase do método começa-se a trabalhar com as palavras geradoras em amplitude maior. É neste momento que se codifica os temas geradores, provocando debates com intenção de decodificar, sendo acompanhado e auxiliado todo o processo pelo coordenador. "A decodificação das palavras geradoras são caracterizadas por situações que cada palavra tem o uso semântico próprio, servindo para introduzir os fonemas, cuja a recombinação é feita pelo exercício coletivo de educador e educando.

(BRANDÃO, 1981, p. 36)

Toda a palavra carrega uma carga pragmática dotada de uma combinação de afeto e crítica, como as palavras que foram tomadas como temas geradores. São palavras que refletem a história devida das pessoas e muitas vezes são carregadas de muita dor e esperança de quem vive do seu trabalho e reflete toda uma história devida em família. Neste momento é que o educador deve tomar muito cuidado na forma em que são discutidas as palavras geradoras. "O debate em torno das idéias a este propósito como o que se leva a termos como situações que nos proporcionam o conceito antropológico da cultura e conduzirá os grupos a 'conscientizar-se' para

'alfabetizar-se' ". (FREIRE,1980, p. 44)

A quarta etapa do método, consiste na elaboração de fichas roteiro, que auxiliam o debate dos coordenadores no desenvolvimento dos trabalhos, essas fichas devem ser utilizadas como subsídios para os coordenadores, a fim de facilitar o trabalho com as palavras, mas nunca serem usadas como recursos, que devam seguir prescrições rígidas.

A quinta fase é a fase de confecção de fichas, com decomposição das famílias fonéticas correspondentes aos vocábulos geradores. O ponto de maior dificuldade em que se exige um grau elevado de responsabilidade está na preparação dos quadros de coordenadores, não no que se refere ao procedimento técnico, mas a dificuldade está na criação de uma nova atitude e ao mesmo tempo muito velha - a do diálogo. A atitude dialogal em que se devem submeter os coordenadores e que façam realmente educação e não domesticação. Sendo o diálogo uma relação de eu - tu e necessariamente uma relação de dois sujeitos.

Na capacitação dos coordenadores há de se supervisionar a ação dialogal, para que se evitem os perigos da tentação do antidiálogo.

3 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A proposta pedagógica de Paulo Freire é constituída de inúmeros segmentos que dão forma concreta para a interpretação do homem. Em seu trabalho, a principal análise é feita sob a ótica do homem oprimido, sustentada por um referencial de interpretação das questões que levam este homem a opressão, com o intuito de superá-la.

Ao pensar em educação, percebe-se que este homem que é considerado oprimido por Paulo Freire, nada mais é que vítima do sistema social conservador. Nesse contexto, a educação está voltada para a produção de conhecimentos, chamada por Paulo Freire de educação bancária, porque esta é a educação de depósitos, pois quem sabe deposita o conhecimento em quem não sabe.

Mas Paulo Freire, preocupado com a superação desta forma de educação conservadora, desenvolve seus trabalhos construindo uma educação que transforme esse homem. Sua proposta de educação é da conscientização, que seria auxiliar este homem oprimido a ter uma visão mais profunda da realidade concreta.

Através da tomada de consciência de seu mundo, inicia-se a transformação, tornando-o sujeito de sua ação.

Todo o trabalho de Paulo Freire não seria possível se o principal mediador entre os homens, o diálogo, não se procedesse. Acredita-se que através do diálogo os homens se tornam mais, esta é a maneira em que os homens podem se tornar críticos e assim reconstruir o mundo.

Assim, entendem-se que enfatizar o referencial norteado, a dimensão pedagógica na obra de Paulo Freire, caracteriza os elementos fundamentais deste trabalho. Desse modo sabe-se que o mesmo não teve pretensões de esgotar as análises pertinentes à grandeza do trabalho deste educador. Portanto, recomenda-se que novos estudos sejam elaborados a respeito deste assunto, considerando a importância crucial do pensamento de Paulo Freire, no momento histórico pelo qual passa a educação brasileira e a

questão do homem oprimido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é método Paulo Freire*, São Paulo : Brasiliense, 1981.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização, teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3.ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GADOTTI, Moacir. *Convite a leitura de Paulo Freire*. Scipione. 1989
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia: diálogo e conflito*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986
- JORGE, J. Simões. *A ideologia de Paulo Freire*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1981.